

“o homem é um ser ao mesmo tempo adaptativo e transformador”ⁱ: entrevista com o professor e pesquisador José Carlos de Azeredo

Prof. Dr. José Carlos de Azeredoⁱ

Entrevistadores:

Alexandre Monteiroⁱⁱ

Ana Paula Macriⁱⁱⁱ

Paula P. Ramos^{iv}

Pretendendo figurar como uma homenagem pelos seus mais de cinquenta anos de magistério superior, o diálogo com o gramático e professor recém aposentado do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, José Carlos Santos de Azeredo, abarca os impactos percebidos, a partir de 1922, sobre a língua enquanto “expressão da identidade literária do Brasil” (AZEREDO, 2023, p. 6). Em acréscimo a comentários sobre o regionalismo brasileiro, discute-se a necessidade de abordar a língua das importantes obras da Literatura Brasileira, sinalizando para futuros pesquisadores um campo profícuo de investigação.

ⁱ Professor Associado do Instituto de Letras/UERJ. Doutor em Letras pela UFRJ e pós-doutor pelo LAEL da PUC-SP. Algumas obras: *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (Parábola/2021), *A linguística, o texto e o ensino da língua* (Parábola/2018), *Dicionário Houaiss de conjugação de verbos* (Publifolha/2012). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6832862656902243> | ORCID: 0000-0003-2882-4805

ⁱⁱ Doutorando em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em estudos de Língua pela UERJ. Editor colaborador da Palimpsesto. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1455981785222395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8576-9841>

ⁱⁱⁱ Mestranda em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Editora-chefe da revista Palimpsesto. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0320818365964858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8534-4579> | anapaulamacri@gmail.com

^{iv} Doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | ppoperamos@gmail.com

Durante nove anos, o entrevistado desenvolveu projeto, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobre o verbo na obra literária de autoria de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (1928). Os resultados alcançados não escapam ao debate, ainda que apresentados resumidamente. O autor da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018) foi, ainda, questionado sobre sua motivação para a escolha da variedade padrão escrita do português nos exemplos constantes nessa obra. Por fim, analisa-se o desenvolvimento da competência oral face à instituição de uma cultura grafocêntrica, pelo olhar aguçado do experiente mestre.

Saudosamente, o agradecemos por dedicar parte do seu tempo a conceder esta entrevista.

PALIMPSESTO

1) Considerando o presente Dossiê, “Modernismo e linguagens: rupturas, transgressões e transformações linguísticas”, dedicado a estudos de Língua e em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna brasileira, convém retomar Antonio Candido (1999, p. 61-62, grifo acrescentado):

A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta aos clássicos e o rebuscamento marcam uma posição de tipo aristocrático e constituem um traço saliente da fase que vai dos anos de 1880 até a altura de 1920, correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro. Do ponto de vista da literatura, foi uma barreira que petrificou a expressão, criando **um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita**, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites, porque marca distância em relação ao povo; e pode satisfazer a este, parecendo admiti-lo a um terreno reservado. Essa cultura acadêmica, geralmente sancionada pelos Poderes, teve a utilidade de estimular, por reação, o surto transformador do Modernismo, a partir de 1922.

De acordo com o que postula Candido (1999), o Modernismo não está restrito a uma corrente literária, ao contrário, revelou-se um movimento cultural e social abrangente e transformador e que coincidiu com outros fatos políticos e artísticos relevantes, por exemplo, o Centenário da Independência. Em face disso, quais impactos podem ser percebidos, a partir de 1922, sobre a língua em uso, sobretudo no Brasil, e sobre as pesquisas que se vinculam ao tema? Em sua opinião, os estudos que circundam o assunto e têm como objeto o material linguístico são abundantes?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

É fato bem sabido e comprovado que o Movimento Modernista exerceu influência decisiva na trajetória da arte brasileira no século XX, com destaque para a pintura, a escultura e, principalmente, a literatura. E em que consiste basicamente essa influência? Consiste na ruptura com os modelos convencionais, em geral desgastados, da expressão artística e no exercício da mais ampla liberdade de criar estilos e representações. A pintura se libertou do viés fotográfico, a escultura abandonou o ideal da figura humana, a poesia se desvencilhou do metro e da rima e praticou a piada e a paródia como meios de dessacralizar temas edificantes tradicionais. Sabe-se, também, que a questão da língua esteve no centro dos debates e foi matéria de centenas de cartas trocadas entre o principal líder do movimento, Mário de Andrade, e figuras importantes da literatura brasileira, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Meyer, entre tantos outros. Mas é preciso sempre deixar claro que esse debate tinha por foco a língua, não como uso corrente falado ou escrito, mas como expressão da identidade literária do Brasil. Nesse sentido, o que o Modernismo fez foi retomar, em dimensão bem mais ampla, profunda e radical, o projeto do Romantismo. Eu evitaria, portanto, me referir a essa matéria de trabalho como “língua em uso”, uma vez que essa expressão está associada a um enfoque mais recente da questão à luz do Funcionalismo e que nada tem a ver com a(s) língua(s) da literatura. Esse fato fica bem claro em face dos extraordinários *Grande Sertão Veredas* (Guimarães Rosa, 1956) e *O coronel e o lobisomem* (José Cândido de Carvalho, 1978), que têm um débito claro com a renovação linguística preconizada pelo Modernismo, mas nenhum compromisso com o que quer que possamos denominar “língua em uso”. Quanto aos estudos sobre o assunto, não conheço contribuições abrangentes posteriores às pesquisas empreendidas nos anos 1960/1970 por Sílvio Elia, Luiz Carlos Lessa e Raimundo Barbadinho Neto. Há com certeza teses e dissertações com foco em autores específicos, mas, publicados e razoavelmente divulgados, me ocorrem apenas dois trabalhos: o minucioso levantamento sobre a criação neológica de Guimarães Rosa, da autoria de Nilce Sant’Anna Martins, e a tese de Hudinilson Urbano sobre a oralidade na narrativa literária de Rubem Fonseca.

PALIMPSESTO

2) Em *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*, Ieda de Oliveira (2003) empreende análise semiolinguística de duas obras representantes da literatura infantil em língua portuguesa, uma escrita no Brasil e outra em Portugal, sintetizando conceitos da Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau. Segundo discorre a autora, o “questionamento do *eu, sujeito da comunicação*, ao longo do século XX, instaurou-se em várias áreas de conhecimento (linguística, análise do discurso, psicanálise, filosofia, etc.) e vem sendo analisado através de diferentes óticas” (OLIVEIRA, 2003, p. 32), destacando que, no âmbito da língua, de maneira geral a proposta do linguista francês mostra-se bastante abrangente, aplicando-se tanto à prosa como à poesia, aos textos literários e aos não literários. Em “Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias” (2007), o senhor se refere ao conceito de contrato de comunicação recuperado pela autora, conduzindo o leitor do seu texto a um denso percurso analítico. Poderia nos falar um pouco sobre as imagens a que o senhor faz alusão?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Sou entusiasta do uso de analogias para definir a natureza do assunto com que lido profissionalmente: a língua. As analogias têm um papel de alto rendimento no discurso didático pelo fato de usar o conhecido – especialmente de natureza concreta – para dar acesso ao novo – especialmente de natureza abstrata. A língua é concreta por sua manifestação física (aparente/auditiva), mas abstrata por sua condição de sistema, que é intuído/induzido (latente/mental). No artigo mencionado, além do paralelo tradicional com o espelho e as ferramentas, recorro também à comparação com um mapa. Ali explícito que língua e mapa têm em comum o caráter esquemático da representação de um objeto. O objeto do mapa é geralmente um espaço geográfico, um território; o objeto da língua, o mundo de nossas experiências assimiladas como conhecimento. Essa analogia fica bem nítida nas descrições, mas é claro que vale também para as narrações, menos consistentemente para as exposições, e impropriamente para o processo argumentativo. Por uma razão bem óbvia: o mapa é um instrumento de representação que apela para a experiência da visão, o que vai bem com a descrição, ainda razoavelmente com a narração, mas não dá conta integralmente da exposição e não é aplicável à argumentação. A visualidade é também uma propriedade do espelho, deixando claro que as limitações dessa analogia estão presentes na que

envolve o mapa. Agora, o maior problema do paralelo com o espelho é justamente o poder que ele tem de reproduzir fielmente a imagem do objeto. Esse poder não é, porém, absoluto. O ponto fraco do espelho é que ele não propicia escolhas, não permite variar o ponto de vista; logo, não serve para criar sentidos, propriedade inerente à língua. A língua jamais reproduz “fielmente” um conteúdo da consciência; aí está o poder da língua: ela é seletiva, podendo operar reduções ou acumulações. As “imagens” da experiência cognitiva construídas pela língua podem ser genéricas/econômicas ou específicas/detalhistas.

PALIMPSESTO

3) A partir de Candido (1999) é possível contrapor pelo menos dois momentos do regionalismo brasileiro. Um que vigorou de 1890 até 1920 e que desenhava o homem do campo como exótico e vulgar, a ser superado pelo homem da cidade, portanto. Outro que valorizava os costumes e a linguagem das áreas menos favorecidas. Tendo em vista a temática do número a ser publicado, gostaríamos de destacar as seguintes passagens, para seus comentários:

Mas o homem é um ser ao mesmo tempo adaptativo e transformador. É essa capacidade de avaliação que nos guia na atividade sociocomunicativa em geral e na verbal-discursiva em particular. Graças a ela podemos:

- (a) ser mais adaptativos, sujeitando-nos aos padrões de conduta social e linguística que exercem sobre nós certa pressão coercitiva,
- (b) mais transformadores, rompendo com esses padrões, ou
- (c) dialéticos, integrando numa nova totalidade os efeitos destes dois movimentos contrários. (AZEREDO, 2007, p. 174).

Para isso, os modernistas valorizaram na poesia os temas quotidianos tratados com prosaísmo e quebraram a hierarquia dos vocábulos, adotando as expressões coloquiais mais singelas, mesmo vulgares, para desqualificar a solenidade ou a elegância afetada. Neste sentido, combateram a mania gramatical e pregaram o uso da língua segundo as características diferenciais do Brasil, incorporando o vocabulário e a sintaxe irregular de um país onde as raças e as culturas se misturam. (CANDIDO, 1999, p. 70).

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

A passagem de Antonio Candido resume bem o espírito geral do programa modernista idealizado por Mário e Oswald de Andrade. Retomando o que já escrevi respondendo à primeira questão, o Modernismo serviu para disseminar o espírito da autonomia para pensar e produzir a arte brasileira. A valorização dos aspectos que

singularizavam o ambiente e a cultura do Brasil era um dos componentes da espinha dorsal do Modernismo, mas não era novidade, uma vez que já fazia parte do ideário romântico, particularmente vocalizado por José de Alencar. A diferença entre o olhar romântico e o modernista é que o Romantismo ainda era uma estética inteiramente inspirada no molde europeu. O Modernismo importou, é verdade, as estéticas de vanguarda europeias, como o Impressionismo, o Dadaísmo e o Cubismo, mas submeteu essas contribuições a uma revisão crítica, apropriando-se desses procedimentos para fazer uma “leitura” do Brasil. O importante é que a partir do Modernismo a arte brasileira se integrou à tendência mundial: as influências são bem-vindas como gatilho da renovação/inação; portanto, como traço da liberdade criadora. Assim, podem conviver estilos vários em todas as épocas. As releituras estarão sempre na moda. A ousadia deve ser uma necessidade, não um imperativo ou uma condição de agregação de valor e reconhecimento. O que importa, acima de tudo, é o talento do artista. É assim que vejo a questão mais ampla relativa ao trato da linguagem, tal como se mostra no trecho de um ensaio citado acima.

PALIMPSESTO

4) Durante muitos anos o senhor conduziu pesquisas sobre o verbo na obra literária *Vidas Secas* (1928), de autoria de Graciliano Ramos, único dos quatro romances desses autor que Candido (1999, p. 84) classifica como regionalista, segundo quem “Graciliano Ramos abominava o Modernismo e a vanguarda em geral; tendo-se formado pela leitura dos grandes autores do passado, era inflexível quanto à correção gramatical e à normalidade da escrita”. Quais foram os principais objetivos e resultados das pesquisas que o senhor coordenou? Para futuros pesquisadores, quais recortes o senhor vislumbra como frutíferos?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Vidas Secas é um texto recorrente em minhas aulas. É, para mim, uma síntese dos aspectos que importa analisar e debater quando se quer mostrar a relevância do texto literário na aula de língua, até porque a questão da linguagem atravessa todos os episódios que compõem a narrativa. *Vidas Secas* tem tudo da literatura tradicionalmente chamada de regionalista: o ambiente natural, os tipos, os costumes, o modo de falar.

Mas não é só: *Vidas Secas* é a encenação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende: o poder policial, o poder econômico, o comerciante desonesto, as convenções do vestuário, a natureza hostil simbolizada pela seca e pelas aves de arribação, o paradoxo da linguagem. Sabemos que as grandes obras da Literatura Brasileira têm sido objeto de minuciosa exegese interpretativa, como comprova sua fortuna crítica, mas a língua em que elas foram escritas permanece muito pouco estudada. Penso que uma via que pode ser percorrida com garantia da produção de material rico em informações é o da pesquisa de vocabulário, com foco nas formas lexicais – verbos, adjetivos e substantivos – e com vista à elaboração de dicionários parciais da obra dos grandes nomes da Literatura Brasileira. O projeto que desenvolvi ao longo de nove anos como bolsista do CNPq foi um passo nesse sentido. Em termos simples e objetivos, a pesquisa consistiu na descrição, sob a forma de verbetes lexicográficos, das propriedades semânticas e sintáticas de um *corpus* formado por todas as ocorrências de pouco mais de 900 verbos (dos quais pelo menos 340 ocorrem uma única vez) no texto do romance. A comparação pode não ser de todo pertinente, mas é pelo menos simbólica: para escrever os 8.816 decassílabos do monumento épico que conhecemos como *Os Lusíadas* (1572), Luís de Camões empregou não mais que 750 verbos diferentes. Na análise do texto de *Vidas Secas*, interessou-me, entre outros aspectos, a contribuição que uma pesquisa focada no verbo e em sua contextualização sintático-semântica pode oferecer à análise interpretativa da obra literária. Uma ilustração emblemática desse papel dos verbos nos é dada por um pequeno punhado deles que denotam afeto/atenção: *abraçar, acariciar, afagar, acolher, beijar e enternecer*. Qual é a pertinência desse registro? É que esses verbos não dão conta da relação entre os membros da família; o único objeto de afeto na história é Baleia, a cachorrinha.

PALIMPSESTO

5) Na apresentação da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018), o senhor delimita seu objeto de estudo como a variedade padrão escrita do português em uso no Brasil. Nessa obra, qual foi a motivação para recorrer a exemplos de textos desde a segunda metade do século XIX até a contemporaneidade?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Minha gramática é uma obra que, como informo na Apresentação, “se destina a usuários da língua portuguesa em geral, cuja formação requeira, por motivos socioculturais diversos, competência produtiva (expressar) e receptiva (compreender) na modalidade escrita padrão”. Entre nós, o conceito de “modalidade escrita padrão” foi estabelecido tradicionalmente, com outra roupagem terminológica, por referência ao uso literário da língua corrente nos séculos XVII, XVIII e XIX. Entendia-se que essa era “a forma correta da língua”, segundo a crença que se popularizou nos círculos letrados. Nesse contexto tradicional, língua literária era o equivalente de língua escrita. As coisas mudaram ao longo do século XX e, especialmente no caso brasileiro, a diversidade de soluções para a expressão literária fez a referida equivalência perder o sentido. Desse modo, o que na *Gramática Houaiss* vem nomeado como “modalidade escrita padrão” envolve o uso da língua sem as pretensões estéticas ou expressivas geralmente associadas ao uso dos poetas e ficcionistas. Não se trata de um *corpus* heterogêneo, porém. Pelo contrário: o que se busca é o que é comum à forma como a língua é escrita em obras literárias, em revistas, em textos ensaísticos, nos jornais, em obras científicas ou didáticas. Salvo em alguns casos de excentricidade estilística, esse uso não mudou muito no período dos últimos 150 anos. Só na prosa literária dos autores posteriores ao Modernismo vamos encontrar diferenças sensíveis, a que já me referi na primeira questão aqui abordada. Autores literários do século XX como Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Maria Alice Barroso, Fernando Sabino, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony, Lygia Fagundes Telles e Sérgio Sant’Anna, entre tantos outros, inovaram incorporando à escrita traços do uso falado brasileiro praticado por indivíduos cultos. Desse modo, essas inovações não soam como rupturas e foram tratadas como integrantes do novo perfil do “português escrito padrão brasileiro”.

PALIMPESTO

6) Uma das consequências do imperialismo europeu sobre as Américas foi a introdução da cultura grafocêntrica. De que forma essa cultura afeta o ensino de Língua Portuguesa no Brasil? Qual a sua importância para o exercício da cidadania?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Quando pensamos na diferença entre o uso oral e o uso escrito da língua, é comum que consideremos o segundo como uma forma de representar o primeiro. Isso é verdade, fundamentalmente pela circunstância de a fala preceder a escrita e pelo fato de somente a primeira estar presente em todas as comunidades formadas por seres humanos, pelo que detém o status de objeto legítimo/genuíno da ciência linguística. A escrita é geralmente tratada como um produto da cultura sujeito ao arbítrio individual e de convenções excêntricas. Por isso, muitos linguistas defendem que o trabalho deles é análogo ao de um botânico ou de um entomologista. Como esse fato – naturalidade da língua falada *versus* artificialidade da língua escrita – se relaciona com a questão do ensino da língua? Para mim, o professor de língua precisa saber lidar com as duas modalidades, revelando-se apto a caracterizar cada uma em face da outra. Se é verdade que é no estudo do uso falado que se põe em prática a ciência propriamente dita, é no estudo do uso escrito – ou mais precisamente, na compreensão da escrita como uma tecnologia – que se revela com mais nitidez a capacidade humana de transformação dos recursos naturais em produtos culturais. A escola tem esse compromisso: promover a compreensão da espécie humana pela compreensão de seu infinito dom de criar. A exercitação desse dom é um meio poderoso de vivenciar a condição cidadã.

Referências:

AZEREDO, José Carlos de. Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 14, p. 158-179, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ⁱ AZEREDO (2007, p. 174).

“man is a being at once adaptive and transformative”ⁱ: an interview with professor and researcher José Carlos de Azeredo

Prof. Dr. José Carlos de Azeredoⁱ

Interviewers:

Alexandre Monteiroⁱⁱ

Ana Paula Macriⁱⁱⁱ

Paula P. Ramos^{iv}

Designed as a tribute to his more than fifty years of higher education, the dialogue with the grammarian and recently retired Professor from Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, José Carlos de Azeredo, encompass the impacts perceived, from 1922 on, on language as “expression of the literary identity of Brazil” (AZEREDO, 2023, p. 15). In addition to comments on Brazilian regionalism, it discusses the need to address the language of the classical works of Brazilian Literature, signaling to future researchers a fruitful field of investigation.

ⁱ Associate Professor at the Institute of Letters/UERJ. PhD in Literature from UFRJ and post-doctorate from LAEL of PUC-SP. Some of his works include: Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (Parábola/2021), A linguística, o texto e o ensino da língua (Parábola/2018), Dicionário Houaiss de conjugação de verbos (Publifolha/2012). Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/6832862656902243>. ORCID: 0000-0003-2882-4805

ⁱⁱ PhD Student in Portuguese Language at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Master in Language Studies by Universidade Federal Fluminense (UFF), Master in Language Studies (UERJ). Editor of Palimpsesto magazine. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1455981785222395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8576-9841>

ⁱⁱⁱ Master's Student in Portuguese Language at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Chief editor of Palimpsesto magazine. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/0320818365964858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8534-4579> | anapaulamacri@gmail.com

^{iv} PhD Student in Literary Studies at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). CAPES Scholar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | ppoperamos@gmail.com

For nine years, the interviewee developed a project, as a scholar of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), about the verb in the literary work *Vidas Secas* (1928), written by Graciliano Ramos. The results achieved do not escape this debate, even if briefly presented. The author of *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018) was also asked about his motivation for choosing the written standard variety of Portuguese in the examples in that work. Finally, the development of oral competence is analyzed in the face of the institution of a graphocentric culture, through the keen eye of the experienced Professor.

We sincerely thank him for dedicating part of his time to grant this interview.

PALIMPSESTO

1) Considering the present dossier, “Modernism and languages: ruptures, transgressions and linguistic transformations”, dedicated to language studies and in commemoration of the 100th anniversary of the Brazilian Modern Art Week, it is convenient to return to Antonio Candido (1999, pp. 61-62, emphasis added):

The search for perfection through grammatical correctness, the return to the classics, and refinement mark a position of an aristocratic type and constitute a pertinent feature of the phase from the 1880s to the height of 1920, corresponding to a generalized desire for elegance linked to the urban modernization of the country, especially its capital, Rio de Janeiro. From the point of view of literature, it was a barrier that petrified expression, creating **a wide gap between spoken and written language**, and favoring the artificialism that satisfies the elites, because it marks a distance from the people; and it may satisfy the latter, seeming to admit them to a reserved ground. This academic culture, generally sanctioned by the Powers, had the utility to stimulate, by reaction, the transforming surge of Modernism, starting in 1922.

According to what Candido (1999) postulates, Modernism is not restricted to a literary current; on the contrary, it proved to be a comprehensive and transforming cultural and social movement that coincided with other relevant political and artistic events, such as, for example, the Centennial of Independence. Considering this, what impacts can be perceived, from 1922 on, on the language in use, especially in Brazil, and on the research linked to the topic? In your opinion, are the studies that surround the subject and have linguistic material as their object abundant and fruitful?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

It is a well-known and proven fact that the Modernist Movement had a decisive influence on the trajectory of Brazilian art in the 20th century, especially on painting, sculpture and, especially, literature. And what does this influence basically consist of? It consists of the rupture with the conventional models, generally worn out, of artistic expression and in the exercise of the widest freedom to create styles and representations. Painting has freed itself from the photographic bias, sculpture has abandoned the ideal of the human figure, poetry has rid itself of meter and rhyme, and practiced jokes and parody as a mean to desecrate traditional edifying themes. It is also known that the language issue was at the center of the debates and was the subject of hundreds of letters exchanged between the main leader of the movement, Mário de Andrade, and important figures in Brazilian literature, such as Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, and Augusto Meyer, among many others. But it must always be clear that this debate focused on language, not as a current spoken or written use, but as an expression of Brazil's literary identity. In this sense, what Modernism did was to take up again, in a much broader, deeper, and more radical dimension, the project of Romanticism. I would therefore avoid referring to this work as "language in use", since this expression is associated with a more recent approach to the question in the light of Functionalism that has nothing to do with the language(s) of literature. This is quite clear in the face of the extraordinary *Grande Sertão Veredas* (Guimarães Rosa, 1956) and *O coronel e o lobisomem* (José Cândido de Carvalho, 1978), which have a clear debt to the linguistic renewal advocated by Modernism, but no commitment to whatever we may call "language in use". As for studies on the subject, I am not aware of comprehensive contributions subsequent to the research undertaken in the 1960s/1970s by Sílvio Elia, Luiz Carlos Lessa and Raimundo Barbadinho Neto. There are certainly theses and dissertations focusing on specific authors, but, published and reasonably widespread, I can think of only two works: Nilce Sant'Anna Martins' thorough survey of Guimarães Rosa's neological creation, and Hudinilson Urbano's thesis on orality in Rubem Fonseca's literary narrative.

PALIMPSESTO

2) In *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil* [*The communication contract of children's and young adult's literature*], Ieda de Oliveira (2003) undertakes a semiolinguistic analysis of two representative works of children's literature in Portuguese, one written in Brazil and the other in Portugal, synthesizing concepts from Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis. According to the author, the "questioning of the *self, the subject of communication*, throughout the twentieth century, was established in several areas of knowledge (linguistics, discourse analysis, psychoanalysis, philosophy, etc.) and has been analyzed from different points of view" (OLIVEIRA, 2003, p. 32). In "Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias" [Mirror, map, tool, or how words give body to ideas] (2007), you refer to the concept of communication contract recovered by the author, leading your reader to a dense analytical path. Could you tell us a little about the metaphors of the mirror and the map that you refer to?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

I am an enthusiast of using analogies to define the nature of the subject I deal with professionally: language. Analogies play a high-performance role in didactic discourse by using the known – especially of a concrete nature – to give access to the new – especially of an abstract nature. Language is concrete by its physical manifestation (apparent/audible), but abstract by its condition as a system, which is intuited/induced (latent/mental). In the mentioned article, besides the traditional parallel with the mirror and the tools, I also resort to the comparison with a map. There I explain that language and map have in common the schematic character of the representation of an object. The object of the map is usually a geographical space, a territory; the object of language is the world of our experiences assimilated as knowledge. This analogy is quite clear in descriptions, but of course it is also true for narrations, less consistently for expositions, and improperly for the argumentative process. For an obvious reason: the map is an instrument of representation that appeals to the experience of vision, which goes well with description, even reasonably well with narration, but does not fully account for exposition and is not applicable to argumentation. Visuality is also a property of the mirror, making it clear that the limitations of this analogy are present in the one involving the map. Now, the biggest problem with the mirror parallel is precisely the power it has of faithfully reproducing the image of the object. This power

is not, however, absolute. The weak point of the mirror is that it does not provide choices, it does not allow us to vary our point of view; therefore, it is not useful to create meanings, which is an inherent property of language. Language never “faithfully” reproduces a content of consciousness; this is the power of language: it is selective and can operate reductions or accumulations. The “images” of cognitive experience constructed by language can be generic/economic or specific/detailed.

PALIMPSESTO

3) Based on Candido (1999) it is possible to contrast at least two moments of Brazilian regionalism. One was in force from 1890 to 1920 and portrayed the countryman as exotic and vulgar, to be overcome by the man from the city. The other, which valued the customs and language of the less favored areas. Given the theme of the upcoming issue, we would like to highlight the following passages for your comments:

But man is a being at once adaptive and transformative. It is this capacity for evaluation that guides us in sociocommunicative activity in general and in verbal-discursive activity in particular. Thanks to it we can:

- (a) be more adaptive, subjecting ourselves to the patterns of social and linguistic conduct that exert a certain coercive pressure on us,
- (b) more transformative, breaking with these patterns, or
- (c) dialectical, integrating the effects of these two opposing movements into a new totality (AZEREDO, 2007, p. 174).

To this end, the modernists valued in poetry the everyday themes treated with prosaicism and broke the hierarchy of words, adopting the simplest colloquial expressions, even vulgar ones, to disqualify solemnity or affected elegance. In this sense, they fought against grammatical mania and preached the use of language according to the distinctive characteristics of Brazil, incorporating the irregular vocabulary and syntax of a country where races and cultures are mixed together (CANDIDO, 1999, p. 70).

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Antonio Candido’s passage sums up well the general spirit of the Modernist program idealized by Mário and Oswald de Andrade. Resuming what I have already written in answer to the first question, Modernism served to disseminate the spirit of autonomy to think and produce Brazilian art. The valorization of aspects that singularized the environment and culture of Brazil was one of the components of the backbone of Modernism, but it was not new, since it was already part of the Romantic

ideology, particularly vocalized by José de Alencar. The difference between the Romantic and the Modernist eye is that Romanticism was still an aesthetic entirely inspired by the European mold. Modernism did import, it is true, European avant-garde aesthetics, such as Impressionism, Dadaism and Cubism, but it submitted these contributions to a critical revision, appropriating these procedures to make a “reading” of Brazil. The important thing is that since Modernism, Brazilian art has integrated itself to the world trend: influences are welcome as a trigger for renewal/innovation; therefore, as a trace of creative freedom. Thus, various styles can coexist in all eras. Reinterpretations will always be in fashion. Boldness should be a necessity, not an imperative or a condition for adding value and recognition. What matters, above all, is the talent of the artist. This is how I see the broader issue concerning the treatment of language, as shown in the excerpt from an essay quoted above.

PALIMPSESTO

4) For many years you conducted research on the verb in the literary work *Vidas Secas* (1928), written by Graciliano Ramos, the only one of his four novels that Candido (1999, p. 84) classifies as regionalist, according to whom “Graciliano Ramos abhorred Modernism and the avant-garde in general; having trained himself by reading the great authors of the past, he was inflexible about grammatical correctness and normality of writing”. What were the main results and conclusions of the research you coordinated? For future researchers, which clippings do you see as fruitful?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Vidas Secas is a recurrent text in my classes. For me it is a synthesis of the aspects that should be analyzed and debated when one wants to show the relevance of the literary text in language classes, especially because the question of language runs through all the episodes that make up the narrative. *Vidas Secas* has everything of the traditionally called regionalist literature: the natural environment, the types, the customs, the way of speaking. But that’s not all: *Vidas Secas* is the staging of the conflicts of a man oppressed by external forces he barely understands: the police power, the economic power, the dishonest merchant, the conventions of clothing, the hostile nature symbolized by the drought and the birds of prey, the paradox of language. We

know that the great works of Brazilian literature have been the object of meticulous interpretative exegesis, as their critical fortune proves, but the language in which they were written remains little studied. I believe that a path that can be taken with the guarantee of producing material rich in information is that of vocabulary research, focusing on lexical forms – verbs, adjectives, and nouns – and aiming at the elaboration of partial dictionaries of the work of the great names in Brazilian Literature. The project I developed over nine years as a CNPq scholar was a step in this direction. In simple and objective terms, the research consisted in describing, in the form of lexicographical entries, the semantic and syntactic properties of a *corpus* made up of all the occurrences of a little over 900 verbs (of which at least 340 occur only once) in the text of the novel. The comparison may not be at all pertinent, but it is at least symbolic: to write the 8,816 decasyllables of the epic monument we know as *Os Lusíadas* [*The Lusiads*], Luís de Camões employed no more than 750 different verbs. In the analysis of the text of *Vidas Secas*, I was interested, among other aspects, in the contribution that a research focused on the verb and its syntactic-semantic contextualization can offer to the interpretative analysis of the literary work. An emblematic illustration of the role of verbs is given by a small handful of verbs that denote affection/attention: *to hug*, *to caress*, *to stroke*, *to shelter*, *to kiss*, and *to care for*. What is the relevance of this register? It is that these verbs do not account for the relationship between the family members; the only object of affection in the story is Baleia, the little dog.

PALIMPSESTO

5) In the presentation of the *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* [*Houaiss Grammar of Portuguese Language*] (2018), you delimit your object of study as the written standard variety of Portuguese in use in Brazil. In this work, what was the motivation to resort to examples of texts from the second half of the 19th century to contemporary times?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

My grammar is a work that, as I state in the Introduction, “is aimed at users of the Portuguese language in general, whose education requires, for various sociocultural

reasons, productive competence (to express) and receptive competence (to understand) in the standard written modality”. Among us, the concept of “standard written form” was traditionally established, with different terminological clothing, by reference to the literary use of the language in the 17th, 18th and 19th centuries. This was understood to be “the correct form of language”, according to the belief that became popular in literate circles. In this traditional context, literary language was the equivalent of written language. Things changed throughout the 20th century and, especially in the Brazilian case, the diversity of solutions for literary expression made that equivalence lose its meaning. Thus, what in the *Gramática Houaiss* is called “standard written modality” involves the use of language without the aesthetic or expressive pretensions usually associated with the use of poets and fictionists. It is not, however, a heterogeneous *corpus*. On the contrary: what is sought is what is common to the way language is written in literary works, in magazines, in essays, in newspapers, in scientific or didactic works. Except in a few cases of stylistic eccentricity, this usage has not changed much in the period of the last 150 years. Only in the literary prose of authors after Modernism do we find sensitive differences, which I have already referred to in the first question addressed here. 20th century literary authors such as Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Maria Alice Barroso, Fernando Sabino, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony, Lygia Fagundes Telles and Sérgio Sant’Anna, among many others, innovated by incorporating into their writing traces of the Brazilian spoken usage practiced by educated individuals. Thus, these innovations do not sound like ruptures and were treated as part of the new profile of the “standard Brazilian written Portuguese”.

PALIMPSESTO

6) One of the consequences of European imperialism over the Americas was the introduction of a graphocentric culture. How does this culture affect the teaching of Portuguese in Brazil? What is its importance for the exercise of citizenship?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

When we think about the difference between oral and written language use, it is common to consider the latter as a way of representing the former. This is true, fundamentally because speech precedes writing, and because only the former is present in all communities formed by human beings, for which reason it has the status of legitimate/genuine object of linguistic science. Writing is generally treated as a product of culture subjected to individual discretion and eccentric conventions. Therefore, many linguists argue that their work is analogous to that of a botanist or an entomologist. How does this fact – naturalness of spoken language *versus* artificiality of written language – relate to the question of language teaching? For me, the language teacher needs to know how to handle both modalities, and to be able to characterize each one in relation to the other. If it is true that it is in the study of spoken use that science itself is put into practice, it is in the study of written use – or more precisely, in the understanding of writing as a technology – that the human capacity to transform natural resources into cultural products is most clearly revealed. The school has this commitment: to promote the understanding of the human species by understanding its infinite gift of creation. The exercise of this gift is a powerful way to experience the condition of citizen.

Bibliography:

AZEREDO, José Carlos de. Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 14, p. 158-179, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ⁱ In the original, in Portuguese: “o homem é um ser ao mesmo tempo adaptivo e transformador” (AZEREDO, 2007, p. 174).